



SAÚDE

Lei busca soberania na produção de remédios

A Estratégia Nacional do Complexo Econômico-Industrial da Saúde (ENSCEIS) possibilita a menor dependência externa do Sistema Único de Saúde (SUS) em setores considerados estratégicos, como vacinas, equipamentos e insumos médicos

» FERNANDA STRICKLAND

A indústria da saúde dispõe, agora, de uma política de Estado voltada para o fortalecimento da capacidade produtiva, científica, tecnológica e de inovação do setor. Esse é o objetivo da Estratégia Nacional de Saúde do Complexo Econômico-Industrial da Saúde (ENSCEIS), sancionada, ontem, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Criada em 2023, por meio de decreto e incorporada no Projeto de Lei nº 2.583/2020, a estratégia passa a ser o marco legal da indústria da saúde.

O objetivo é ampliar a autonomia do país na produção de medicamentos, vacinas, equipamentos e insumos médicos, além de reduzir a dependência externa do Sistema Único de Saúde (SUS) em setores considerados estratégicos.

O texto, aprovado pelo Congresso Nacional em junho, estabelece diretrizes para incentivar a produção nacional e prevê mecanismos relacionados a compras públicas, financiamento e regulação de produtos estratégicos para o sistema de saúde brasileiro.

Entre os principais eixos da estratégia estão o fortalecimento do SUS, a ampliação do acesso a tecnologias em saúde, a formação de recursos humanos, o enfrentamento de epidemias e o estímulo à inovação e à produção de medicamentos e dispositivos médicos no país.

A proposta também prevê o uso do poder de compra do Estado como instrumento de incentivo à indústria nacional e busca ampliar a inserção internacional de empresas brasileiras do setor.

Segundo o governo, a iniciativa pretende modernizar o parque industrial da saúde, estimular

PxHere/Divulgação



A nova lei pretende modernizar o parque industrial da saúde, estimular investimentos e ampliar a capacidade de resposta a emergências sanitárias

investimentos e ampliar a capacidade de resposta do país diante de emergências sanitárias.

A legislação cria, ainda, a figura da Empresa Estratégica de Saúde (EES), destinada a companhias que atuem em atividades produtivas, de

pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico.

Para obter a qualificação, as empresas deverão possuir instalações industriais no Brasil, apresentar histórico de inovação e demonstrar capacidade de garantir

a continuidade e a expansão da produção de produtos considerados estratégicos.

As empresas classificadas como estratégicas terão prioridade em processos regulatórios, chamamentos públicos e iniciativas de

pesquisa, desenvolvimento e inovação, além de acesso facilitado a linhas de financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Durante o evento, Lula afirmou que a saúde é um dos pilares

fundamentais para a construção do futuro do país e agradeceu ao Congresso Nacional pela aprovação da proposta.

“Não tem nada mais sagrado para falar do futuro do que a gente garantir que as pessoas vão viver um pouco mais, vão viver com mais dignidade, com mais saúde e com mais prazer”, declarou o presidente.

O petista afirmou, ainda, viver seu “melhor momento de prazer” ao debater políticas públicas voltadas à saúde, embora tenha reconhecido a existência de desafios no setor. “Eu sei que ainda falta muita coisa a fazer. Eu sei que nós devemos muito às mulheres, aos homens e às crianças desse país”, disse.

Tom político

Ao elogiar a atuação do ministro Alexandre Padilha, Lula também fez críticas aos ministros da Saúde do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, que tem o filho, Flávio, como seu principal concorrente na corrida eleitoral. “Vendo você falar e vendo três ministros mequetrefes que o governo passado teve, eu vou dizer: esse país fez uma revolução”, afirmou.

Durante a gestão Bolsonaro, o Ministério da Saúde foi comandado por Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich, Eduardo Pazuello e Marcelo Queiroga.

Segundo o o governo federal, a sanção da Estratégia Nacional de Saúde do Complexo Econômico-Industrial da Saúde representa uma medida estratégica para ampliar a autonomia produtiva do país, fortalecer o SUS e integrar políticas industriais, científicas e de saúde pública em uma agenda de longo prazo.

Brasileiros demoram a agir contra câncer

» RAFAELA BOMFIM*

Um ano após a morte da cantora Preta Gil, que enfrentou o câncer colorretal e ajudou a conscientizar sobre a importância do diagnóstico precoce, uma pesquisa inédita revela que os brasileiros ainda demoram para buscar ajuda, mesmo conhecendo os principais sintomas da doença.

O levantamento, realizado pela Nexus Pesquisa e Inteligência de Dados, em parceria com o A.C. Camargo Cancer Center, mostra que, embora oito em cada 10 pessoas reconheçam como graves sintomas como sangue nas fezes e alterações persistentes no funcionamento do intestino, quase metade dos que vivenciaram esses sinais não buscam assistência imediatamente.

Os dados foram obtidos em entrevistas presenciais com 2.015 pessoas, realizadas em todas as unidades da Federação. O estudo mostra que 80% dos brasileiros classificam esses sintomas como graves, e 42%, como muito graves. Ainda assim, o conhecimento nem sempre se transforma em atitude.

Dos entrevistados, 9% já perceberam sangue nas fezes em algum momento da vida. Desse grupo,

apenas 59% procuraram atendimento médico imediatamente. Outros 19% preferiram esperar o sintoma desaparecer, 10% adiaram a consulta por dias ou semanas, 7% recorreram a mudanças na alimentação ou a remédios caseiros, 3% compraram medicamentos por conta própria e 1% buscou informações na internet antes de procurar orientação profissional.

O levantamento também mostra que o câncer colorretal ainda está distante da realidade da maior parte da população. Três em cada quatro brasileiros afirmaram nunca ter conhecido alguém com a doença. Apenas 21% disseram ter convivido com um paciente, seja um familiar próximo ou um amigo. Apesar disso, 67% reconhecem que sangue nas fezes e alterações intestinais prolongadas podem estar relacionados ao câncer, embora apenas 24% demonstrem total convicção.

Conscientização

A discussão ganhou força nos últimos anos com o tratamento enfrentado por Preta Gil. Ao compartilhar publicamente as diferentes etapas da doença, a cantora chamou atenção para sintomas muitas

vezes ignorados, incentivou a realização de exames preventivos e levou informações sobre um tipo de câncer que também tem sido diagnosticado em pessoas mais jovens. Um ano após sua morte, especialistas avaliam que esse debate continua necessário para reduzir o número de diagnósticos tardios.

Segundo estimativa do Instituto Nacional de Câncer (Inca), o Brasil deve registrar cerca de 53.810 novos casos de câncer colorretal por ano entre 2026 e 2028, tornando a doença o segundo tumor mais incidente no país.

Também preocupa o desconhecimento sobre os exames de rastreamento. A pesquisa aponta que 67% dos brasileiros nunca ouviram falar da Pesquisa de Sangue Oculto nas Fezes (PSO), exame capaz de identificar pequenos sangramentos antes mesmo do surgimento de sintomas evidentes. Apenas 11% dos entrevistados já realizaram o teste, enquanto 21% disseram conhecê-lo, mas nunca o fizeram.

O desconhecimento é maior entre jovens de 16 a 24 anos, homens, pessoas com menor renda e indivíduos com baixa escolaridade. Em contrapartida, aqueles

Paulo de Araujo/CB/D.A Press



Preta Gil compartilhava sua rotina de tratamentos e exames desde 2023, quando recebeu o diagnóstico

que tiveram contato com pacientes diagnosticados com câncer colorretal demonstram maior conhecimento sobre a doença e mais adesão aos exames preventivos.

O líder do Centro de Referência de Tumores Colorretais do A.C. Camargo Cancer Center, Samuel Aguiar, destaca que “o diagnóstico precoce do câncer colorretal está diretamente ligado a taxas de cura

mais elevadas”, ressaltando que exames como a pesquisa de sangue oculto nas fezes e a colonoscopia permitem identificar alterações ainda nas fases iniciais da doença.

A pesquisa evidencia que reconhecer os sintomas é importante, mas não basta. Especialistas orientam que sinais como sangue nas fezes, alterações persistentes no funcionamento intestinal, dor

abdominal frequente e perda de peso sem causa aparente nunca devem ser ignorados. A procura rápida por avaliação médica continua sendo o principal caminho para aumentar as chances de tratamento e reduzir a mortalidade provocada pelo câncer colorretal.

*Estagiária sob a supervisão de Victor Correia